

Papo de Índio

TXAI TERRA VALLE DE AQUINO E MARCELO PIEDRAFITA IGLESIAS

UM SONHO ANTIGO

Produção cultural de um CD e um filme entre os Katukina do Campinas/Br-364

FOTOS/PROJETO KATUKINA 2005

NICOLE ALGRANTI E EDILENE COFFACI DE LIMA

■ Depois de milhares de anos de tradições, o professor Benjamin André Shere Katukina e outras lideranças de seu povo realizaram em julho de 2005 na Terra Indígena Campinas, em conjunto com a Taboca Produções Artísticas, de Nicole Algranti, a gravação do primeiro CD de músicas tradicionais Katukina, que se chamará *Tixiriti* Katukina, um sonho antigo que aconteceu entre as filmagens do filme *Neke Haweti* (O que somos e o que fazemos).

Ao longo de 15 dias de trabalho, os Katukina promoveram e se emocionaram com o resgate dos seus mais antigos rituais. O projeto uniu um grupo de cerca de 50 mulheres e homens que se dividiram entre as equipes compostas por cerca de 36 cantores, cinco câmeras e técnicos de som direto, uma antropóloga, dois assistentes de produção, dois caçadores, uma lavadeira, duas cozinheiras, um diretor de filme, um assistente de direção, dentre outras.

As gravações do CD e as filmagens mobilizaram muitos Katukina, não apenas como cantores, autores e atores de sua própria cultura, mas também como técnicos. Participaram da equipe: assistente de gravação Alfredo Jaqueira (Kaku), Assistente de gravação Maurício de Souza (Ni'i), Assistente de produção Valdir Carneiro (Txano), nosso querido e alegre motorista Adriano Rosa da Silva (Itso-mi). Dado que na Terra Indígena Campinas/Katukina não há energia elétrica, nosso convidado Ivan de Castela garantiu a ligação segura de todos os equipamentos no gerador de 1 KVA emprestado do IBAMA/Cruzeiro do Sul.

A Produção Executiva de Nicole Algranti convidou Edilene Coffaci de Lima para orientar antropológicamente o projeto. Ela participou desde a criação do roteiro do filme, a seleção do vasto repertório gravado na aldeia e a elaboração do encarte do CD.

A gravação do CD foi realizada por Duda Mello, que levou para a aldeia 140 Kg de equipamentos. Devido à umidade da floresta, logo nos dois primeiros dias ficamos sem o HD e um dos microfones deu sinal de ruído. Os assistentes providenciaram em Cruzeiro do Sul 60 CD's virgens para copiar os files de pro tools e assim mantermos a garantia que nenhum material seria perdido. Duda insistiu em recuperar o



JOVENS KATUKINA DO CAMPINAS/BR-364 EM CENA DO FILME DE NICOLE ALGRANTI, COM ASESORIA DA ANTRÓLOGA EDILENE LIMA (JULHO/2005)

microfone, que, após dois dias de sol, voltou a funcionar normalmente.

Duda Mello, Edilene Coffaci de Lima e Nicole Algranti se reuniram em dois dias de trabalho com Benjamin (Shere), Maurício (Ni'i) e Alfredo Jaqueira (Kaku) e selecionaram as 21 músicas do CD. As músicas foram selecionadas e pré-editadas na própria aldeia, levando-se em conta o tempo máximo de 64 minutos, que o CD Katukina comportará.

Além dos Katukina do Campinas, participaram das gravações também alguns Katukina da aldeia Sete Estrelas da Terra Indígena Rio Gregório, que compartilham com os Yawanawá. Entre outros, os moradores do rio

Campinas convidaram o rezador Raimundo Macário (*Kosti*), do Rio Gregório, para participar das gravações do CD. Ao final, a participação do velho Macário foi extremamente importante, pois ele acabou permitindo que a equipe gravasse um canto de cura (*shoiti*). É preciso deixar claro que ele não entoou o seu canto para o gravador. Ou seja, respeitou-se o contexto que gera o próprio canto. Isso aconteceu porque havia, infelizmente, um garoto doente que o velho rezador acudia com suas palavras. Com sua permissão os microfones foram posicionados e o canto de cura gravado. O resultado é o registro de uma técnica vocal bastante especial e que só existe no canto de cura.



DUETO DE FLAUTAS DE TABOCA DE DOIS JOVENS KATUKINA DO CAMPINAS, INCLUÍDO NO CD DE SUAS CANÇÕES TRADICIONAIS

O *shoiti* traz um precioso registro do esforço do rezador. São palavras retorcidas por assopros, palavras escolhidas com rigor para veicular sua força e auxiliar na recuperação da criança doente. Assim, o CD trará, quando for lançado, um bellissimo canto de cura, entoado por Raimundo Macário, ou simplesmente *Kosti*, seu nome em sua própria língua. Originalmente o canto de cura tinha mais de uma hora de duração. Dada a extensão, construída pela repetição exaustiva de um conjunto de palavras, foi preciso reduzi-lo. O velho rezador Macário autorizou sua redução e, inclusive, os procedimentos de corte seguiram sua orientação. É bom que se saiba que não houve qualquer prejuízo ao conteúdo do canto, que, como destacamos, é feito de sucessivas repetições das mesmas palavras.

Além do canto de cura de Macário, o CD trará várias músicas de mariri (*txiri*) e um bloco

de cantorias da ayahuasca, que eles denominam de *Oni*. Entre estes dois blocos de músicas, há uma entoada por três crianças, intitulada *Rane rane*, cujo título em português foi proposto como "Penas ao vento" e uma outra, que é um solo de flauta, executada por Maurício André (*Poiru*).

Tanto no começo quanto no final do CD, o velho Antônio Jaqueira (Ne'e), um exímio imitador dos seres da floresta, mostra seus dotes. Na abertura do CD, o velho Ne'e imita os sons de duas espécies de *kambô*, ou *kampo*, o sapo-verde que, nas concepções indígenas, traz sorte na caça e espanta a preguiça. Logo depois começam as músicas, sendo a primeira delas justamente uma que fala da sorte trazida pelo sapo-verde e que se intitula *Kampo*. Ao final do CD, Ne'e reaparece imitando outros bichos. Espera-se que o CD dos Katukina, elaborado por eles com tanto empenho e dedicação, possa ser lançado até o final deste ano.



KATUKINA CANTANDO E DANÇANDO MARIRI NA BR-364 NO FILME DE NICOLE

O filme: “o que somos e o que fazemos”

Do mesmo modo como ocorreu na gravação do CD, os Katukina foram envolvidos na produção do filme e ocuparam posições centrais para a sua realização.

Durante as filmagens, a equipe de trabalho foi surpreendida pela existência de uma aldeia cenográfica. Trata-se exatamente disso: os Katukina, antes da chegada da equipe formada por brancos, construíram espontaneamente o que seria uma aldeia em tempos passados, tentando reproduzir cuidadosamente o modo de vida anterior ao contato com os brancos. Não se tratava de uma grande maloca, característica dos povos de língua pano. A aldeia do filme reproduz abrigos temporários de caça, que conta também com um local central destinado às brincadeiras de mariri.

É certo que a iniciativa dos Katukina de construir uma aldeia cenográfica – na beira de um igarapé e ao lado de uma frondosa samaúma – ficará na lembrança de todos. De todo modo, o filme não foi feito exclusivamente para registrar o passado. Não há dúvida de que o passado é importante e não deve ser esquecido, mas o filme teve também a preocupação de registrar o momento presente. Como vivem esses homens e mulheres da floresta naquela terra indígena em que todos os dias, no verão, passam algumas dezenas de veículos: carros, caminhonetes e caminhões. A movimentação na BR-364 está registrada, mesmo porque, sem ela, não se compreende como vivem os Katukina hoje, em 2005.

O projeto contou com a presença do diretor de fotografia Luis Carlos Saldanha, que organizou o curso de fotografia para uma equipe de cinco câmeras indígenas, formados por Teka, Hoshonawa, Mero, Pevo e Vea. Foram os próprios Katukina que registraram a maioria das imagens do filme, algumas câmeras do filme também foram feitas por Nicole, Saldanha e Sérgio Carvalho.

A estética utilizada pela equipe de câmera indígena e a facilidade no aprendizado do equipamento surpreenderam o fotógrafo e professor do Curso de Cinema Darcy Ribeiro, que tem em seu currículo cerca de 500 produções cinematográficas, entre alguns podemos citar o filme Câncer, de Glauber Rocha.

O filme foi construído a partir de diálogos entre muitas pessoas. A direção é de Shere Katukina, com assessoria de direção de Nicole Algranti. O roteiro foi elaborado por ambos, que contaram ainda com apoio da antropóloga Edilene Coffa-ci de Lima.

O roteiro intencionalmente



MULHERES KATUKINA NA ALDEIA CENOGRÁFICA DO RIO CAMPINAS/BR-364 EM CENA DO FILME DE SEUS SONHOS

mostra um filme dentro de outro, pois a partir da terceira cena apresentamos a pessoa do diretor indígena que surge por trás das câmeras com o convencional “CORTA”, dando prosseguimento ao momento contemporâneo desta população que já se habituou com o som dos caminhões que nesta época de verão circulam com mais facilidade na rodovia que atravessa a terra indígena.

Todas as noites, no kupixawa onde estava hospedada a equipe, várias pessoas se reuniam para assistir as filmagens do dia. Homens e mulheres, adultos e crianças, divertiam-se ven-

do a si mesmos na tela da televisão. As imagens davam vazão a todo tipo de comentário. Um deles em particular chamou a atenção: muitas pessoas disseram gostar das imagens porque agora sabiam que seus filhos e netos não iriam mais esquecer como vivem os Katukina. A imagem, de uma certa forma, parecia revelar aos próprios Katukina como é a vida deles. Ao final, o que se pôde ver foi um povo satisfeito com a própria imagem que ajudou a construir.

A produção do CD na aldeia foi conduzida por Kaku e Ni'i, organizadores de todos os ensaios e preparações dos cantos-

res. Fernando Katukina também assessorou institucionalmente o projeto. O sertanista Antonio Batista de Macedo da Administração Executiva Regional da Funai de Rio Branco (AER-RBR) esteve na aldeia para um dia de reunião. Macedo chegou a solicitar nesta reunião uma doação do projeto para a construção de uma Cantina Comunitária no valor de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais). A produtora Nicole Algranti esclareceu que projetos aprovados pela Lei Rouanet devem seguir um planejamento de gastos pré-aprovados anteriormente pelo Ministério da Cultura, não sendo pos-

sível esta doação, levando-se em conta também que este projeto conta com recursos de captação do Banco da Amazônia em 50 % do valor anteriormente previsto e aprovado em lei para a execução do CD.

Até o presente momento o filme foi gravado com recursos próprios da Taboca Produções Artísticas (aluguel de câmeras, material de consumo e pagamento do professor de cinema), tendo contado apenas com apoio do Governo do Estado do Acre para alimentação da equipe e hospedagem. Um agradecimento especial cabe ao DERACRE, que autorizou o reparo da peça da Toyota da Associação Katukina do Campinas (AKAC), que foi de fundamental importância na continuidade da produção. Agradecemos também ao Secretário Extraordinário dos Povos Indígenas do Acre, Francisco Pinhanta, pela organização dos apoios do governo do Estado. Acumulamos ainda agradecimentos aos secretários Francisco Gregório Filho, da Fundação Elias Mansour, e a Eduardo Vieira pela aquisição de todo o material elétrico para a ligação da energia dos equipamentos.

A produção executiva garante o pleno direito de imagem e som para a AKAC, assim como destina 10% da produção dos discos para as famílias Katukina do rio Gregório pela participação especial, 70% para a Associação Katukina do Campinas e 20% para a produção executiva, que usará a maior parte de sua cota para a divulgação na imprensa especializada e para abrir caminhos para outros trabalhos do gênero.

Tivemos ainda na aldeia um convidado especial: o senhor Jorge Eduardo Aboud, da área social da Eletrobrás. Ele esteve conosco por alguns dias para fazer uma análise do projeto sob o ponto de vista social e emocionou-se imensamente com a dedicação dos Katukina à sua própria arte e compreendeu a importância deste projeto para esta população de 450 pessoas da floresta. Somente com o apoio desta empresa será possível finalizar esse filme e fazer a tão esperada autoração para o DVD, além de possibilitar a confecção de um encarte do CD tão bonito como o projeto merece.

Esperamos sinceramente que este projeto cultural consiga alcançar o objetivo de contribuir para o aumento de geração de renda para a Associação Katukina do Campinas – AKAC, além de promover o diretor Benjamin André Shere Katukina como mais um diretor de cinema e vídeo no país. Viva os Katukina e suas pinturas tão belas!

